

Fontes para biografias de subalternizados no século XX

Sources for Biographies of Subalternised in the 20th Century

**Antonio Liberac Cardoso
Simões Pires**

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB),
Departamento de História,
Cachoeira, BA, Brasil.
liberac@ufrb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-5705-5844>

Caio Giulliano Paião

Universidade Federal de São
Paulo (Unifesp), Programa de Pós-
Graduação em História,
Guarulhos, SP, Brasil.
caio_giulliano@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2204-5931>

Rosy de Oliveira

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB),
Centro de Ciências Agrárias,
Ambientais e Biológicas,
Cachoeira, BA, Brasil.
rosy@ufrb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1921-8849>

No encontro de fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, o cônego Januário da Cunha Barbosa apresentou uma proposta de estudos biográficos para beneméritos. A ideia alinhava-se ao empenho da entidade em coligir documentos para produzir uma escrita da história nacional, atendendo ao projeto de consolidação do Estado monárquico no Segundo Reinado. O trabalho com fontes para biografias de brasileiros ilustres toma corpo a partir do segundo número da *Revista Trimestral* do IHGB, pela seção "Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes". Segundo Maria da Glória de Oliveira, longe de expressar simples gosto literário dos sócios, o levantamento de fontes para escrita biográfica foi renovado ao longo do século XIX, e acompanhou o debate sobre como deveria ser escrita a história do Brasil¹.

Não resta dúvida sobre a vitória duradoura dessa interpretação histórica que prevalece a partir de grandes nomes e seus grandes feitos, como sendo aqueles que "fazem história" ou que teriam muito a nos ensinar com suas ações e pensamentos. Essa forma de escrever a história contou com certa facilidade de compulsão documental. Basta uma rápida ida aos arquivos para conseguirmos colher dados biográficos de personagens das classes dominantes. Por serem os detentores da produção de informação, suas ações no tempo normalmente habitam a superfície dos arquivos. Sem

¹ Maria da Glória de Oliveira. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 10.

grandes esforços, encontramos, no mínimo, datas para nascimento e morte de homens brancos poderosos – dados suficientes para se esboçar uma “biografia”, no sentido original de “escrita de uma vida”. Dessa forma, puderam prevalecer na historiografia brasileira, no compasso da ascensão do pensamento histórico oitocentista, sínteses explicativas e moralizantes de que a formação da “nação” resultava da ação intrépida de homens valorosos, quase que dotados de poder divinatório. Essa ideia de “homens superiores” ainda encontrou guarida no emergente racismo (falsamente) científico do século XIX, que sacralizou o pensamento abstrato e impessoal como característica de civilizações superiores².

Quando os historiadores ligados aos *Annales* passaram a criticar o peso das ações individuais na história, em favor de longas durações e estruturas sociais e econômicas, a biografia tornou-se símbolo de uma história tradicional, calcada em cronologias e grandes nomes, negligenciando as massas³. Ainda que os *Annales* tenham exercido influência no Brasil, notadamente desde a década de 1940 – com passagem de Fernand Braudel pela USP –⁴, poucos avanços foram sentidos na incorporação de outros agentes históricos nas interpretações baseadas em sistemas explicativos. É correto dizer que a atenção biográfica sofreu uma relativa desidratação, mas as leituras racistas continuavam incapacitando a maior parcela da população como responsável por escolhas e aspirações próprias. Isso ocorria mesmo em análises que criticavam a desigualdade e a exploração das classes trabalhadoras. Os velhos documentos compilados pelo IHGB ainda pareciam dizer a mesma coisa, ainda que sob outras perspectivas e objetivos: a hegemonia da agência história estava nas mãos dos homens brancos.

Assim, ao longo do tempo, as agências de sujeitos e sujeitas históricos/as foram sendo suprimidas por divergirem do tipo ideal de protagonista da “nação”. De sorte que a comunidade de historiadores, até bem pouco tempo, convenceu-se de que não havia documentação para se produzir biografias de pessoas comuns e não brancas, ainda que houvesse (supostamente) vontade para isso. A questão é que essa documentação precisava ser “produzida” pelo olhar das historiadoras e dos historiadores, atentando para aquilo que ela “não dizia” ou “não queria dizer”. A leitura a contrapelo exigia uma varredura contra o racismo, o sexismo e os preconceitos de classe. Esse empreendimento ganhou fôlego, nos anos 1980, com as propostas trazidas por intelectuais empenhadas/os em um projeto de escrita histórica feita pelas mãos de homens negros e mulheres negras⁵. Desde então, tivemos avanços significativos na construção de biografias

² Sabina Loriga. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 41.

³ François Dosse. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

⁴ Paulo Henrique Martinez. “Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo”. *Revista de História*, 146 (2002), pp. 11-27.

⁵ Ver: Álvaro Nascimento, “Trabalhadores negros e o ‘paradigma da ausência’: contribuições à História Social do Trabalho no Brasil”, *Estudos Históricos*, 59 (2016), pp. 627-646; Beatriz Nascimento. “Por uma história do homem negro”, in: Alex Ratts (org.).

de outros sujeitos, enquanto o campo histórico fazia as pazes com a biografia, dessa vez, adotando-a como método – muito pela emergência da micro-história, momento concomitante à expansão dos programas de pós-graduação em História pelo país. Acrescente-se, ainda, o impacto positivo da adoção de cotas raciais e da produção de conhecimento realizada por historiadoras e historiadores não brancos nos últimos tempos.

Portanto, não é de hoje que enfrentamos o desafio de produzir biografias de “pessoas comuns”. Com frequência, essa construção biográfica depara-se com lacunas na documentação, que impedem de precisar anos de nascimento e morte, podendo-se resumir a um estudo de “trajetória”. As trajetórias geralmente abarcam o conjunto de informações disponíveis sobre uma atividade profissional, de militância, artística, criminal etc. Como estamos tratando de “pessoas comuns”, na maioria das vezes, suas ações acabam ficando restritas às marcas que deixaram em uma atividade produtiva da sociedade, tanto positiva como negativa. Contudo, não vemos necessidade de se abandonar o método biográfico quando é possível recorrer à imaginação histórica amparada pela análise das conjunturas e das redes de sociabilidade vividas pelos sujeitos e sujeitas de estudo. O método ajuda a compreender em quê mundo social se situa o/a biografado/a e a partir de quais pontos de vista ele/ela interpretava aquela realidade e outras tantas que podia experimentar⁶.

Para as pesquisas biográficas centradas em trabalhadores e trabalhadoras, por exemplo, Benito Schmidt defende que “os estudos biográficos permitem cruzar fronteiras e superar dicotomias tradicionais da historiografia do trabalho”. O autor não concorda que tais estudos revelem tipos exemplares e representativos de uma classe ou grupo social, o que incorreria no risco de generalizações, apesar do enfoque individual⁷. Ao contrário, Schmidt concorda com Sabina Loriga, de que o singular precisa ser concebido como “elemento de tensão”. Para essa autora, podemos partir do uso “coral” da biografia: “o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado”. Por meio de diferentes movimentos individuais podemos romper homogeneidades aparentes (instituições, comunidades, grupos sociais etc.) para revelar os conflitos que presidiram em formações e edificações de práticas sociais e culturais. Loriga conclui que, dessa forma, apreendemos como os indivíduos moldam e modificam as relações de poder⁸.

Em vista disso, temos a satisfação de apresentar, nesta edição da *Revista de Fontes*, o dossiê “Fontes para biografias de subalternizados no século XX”. Falamos de *subalternizados*, a partir de Gramsci, pois entendemos que o método

Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. São Paulo: Zahar, 2021, pp. 37-46.

⁶ François Dosse, *O desafio biográfico*, op. cit., pp. 297-300.

⁷ Benito Schmidt. “Que diferença faz? Os estudos biográficos na história do trabalho brasileira”, in: Alexandre Fortes et al. (org.). *Cruzando fronteiras: novos olhares sobre história do trabalho*. São Paulo: Perseu Abramo, 2013, pp. 63-66.

⁸ Sabina Loriga. “A biografia como problema”, in: Jacques Revel (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 248.

biográfico é uma forma de abalar os mecanismos hegemônicos de exclusão daquelas e daqueles que tiveram suas vozes e agências negadas e silenciadas⁹. Assim, o método biográfico também é uma forma de encaminhar respostas e problemas para a célebre pergunta colocada por Gayatri Spivak: "Pode o subalterno falar?"¹⁰.

O conjunto de artigos ora apresentados dialoga com as questões acima e, principalmente, sintonizam-se ao escopo da revista, cujo foco central encontra-se na divulgação e democratização de conjuntos documentais. Nesse dossiê, as autoras e os autores demonstram possibilidades de pesquisa em História Social, enquanto apresentam corpos documentais diversos para se construir biografias, considerando experiências coletivas e como os indivíduos aparecem e interferem na produção documental ao seu respeito. Os textos lidos aqui apresentam diferentes estratégias analíticas e de trato documental para superar os empecilhos colocados para as biografias de subalternizados.

Os artigos estão fundamentados em abordagens biográficas e no desenvolvimento de métodos e utilização de fontes compatíveis com esse tipo de análise historiográfica. Em sua totalidade, situam-se no campo da micro-história. São textos que buscam diálogos com a experiência humana e as relações sociais e estruturais, como método historiográfico explicativo. São diversos sujeitos da história que se tornam protagonistas, sejam militantes negros no pós-abolição, uma política religiosa no período da Ditadura Militar, uma mulher negra e sua trajetória de conquistas na área da Educação, os anarquistas, socialistas e republicanos italianos ou um negro operário e destacado jogador de futebol. Todos os artigos representam a necessidade historiográfica de busca por agência, dos protagonismos daqueles que foram, por diversos motivos, esquecidos na construção de uma história nacional brasileira.

O artigo "Métodos para a pesquisa biográfica: o caso de um 'homem de cor' no pós-abolição", da autora Lívia Maria Tiéde, traz as ações e vivências de Frederico Baptista de Souza, um "homem de cor", para dentro do debate historiográfico e problematiza diversas fontes combinadas com as metodologias da história social. O artigo aborda a construção de biografias de pessoas negras que, nascidas após a Lei do Ventre Livre, viveram até meados do século XX, em São Paulo. A autora demonstra a necessidade de compreender as experiências dos indivíduos negros do período, como parte da categoria de subalternizados. Descreve estratégias que permitem aos pesquisadores explorar novos significados de fontes primárias, como a imprensa negra de São Paulo, documentos textuais e visuais que revelam a presença oculta de indivíduos de cor no passado.

O próximo artigo difere dos demais estudos sobre "pessoas comuns", mas aprofunda outros processos de subalternização e disputas pela memória, com uma biografia envolvida em movimentos sociais. A partir dos "rastros" da vida de Irmã Passoni, Roger Camacho Barrero Júnior apresenta os desafios da elaboração biográfica no artigo "Seguindo os rastros de uma vida: uma reflexão

⁹ Antonio Gramsci. *Quaderni del Carcere*. Turim: Einaudi, 1975.

¹⁰ Gayatri Spivak. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

a partir da trajetória da militante e deputada Irma Passoni”. O autor conta a história de vida da deputada federal Irma Passoni, analisa a atuação da biografada no Movimento do Custo de Vida (MCV), em 1973, os reflexos dos desdobramentos políticos sobre a sua carreira política, construída por meio do seu envolvimento na história dos movimentos da periferia paulistana nos anos de 1970 e 1980. O artigo apresenta uma diversidade de fontes utilizadas para a escrita biográfica de Irma Passoni, natural do Rio Grande do Sul, descendente de imigrantes italianos, pertencente à classe média, radicada em São Paulo. O autor expõe o conceito de excepcional-normal para explicar como um indivíduo pode representar, mas ao mesmo tempo se afastar, do meio em que vive. Nessa perspectiva, o artigo explicita os desafios frente as escolhas da memória seletiva indicada nas entrevistas concedidas pela biografada ao biógrafo. As diferentes formas de acesso às fontes no Arquivo da Cúria Arquidiocesana de São Paulo, na coleção do Clube de Mães da Zona Sul (CEDEM-UNESP), nos relatos publicados em livros, jornais, atas, folhetos. Os cadernos de anotações dos acervos produzidos pelos movimentos nos quais Irma Passoni transitou facilitam assim o acompanhamento das suas ações para a análise da sua história de vida, dos movimentos sociais paulistanos, ou mesmo da trajetória de outros indivíduos ali presentes.

O artigo “Ouvindo os silêncios: repensando a história e produzindo conhecimento sobre o passado das mulheres negras no Brasil: o caso de Rita Cesarino”, de Taina Silva Santos, evidencia a centralidade da metodologia da micro-história e a necessidade de aprofundamento da análise crítica das fontes coligidas sobre a participação e formas de representações das mulheres negras nos espaços de trabalho em Campinas/São Paulo. A autora analisa as tendências dos estudos sobre as mulheres negras na historiografia brasileira. Compara aspectos desse cenário com a agenda de pesquisa pautada por intelectuais negras do Brasil e dos Estados Unidos, para evidenciar questões que ficaram às margens de abordagens historiográficas e geraram estereótipos sobre as mulheres negras. O artigo demonstra como essas percepções têm influenciado a produção de pesquisa sobre as mulheres negras e apresenta os recursos teóricos e metodológicos mobilizados em uma pesquisa biográfica sobre três gerações de mulheres da família Cesarino, abordando temas como mobilidade social, desigualdades de raça, gênero e classe no século XIX. O conceito de agência acionado pela autora amplia o campo de possibilidades de interpretações das fontes que apontam os indícios dos deslocamentos profissionais dos homens e das mulheres pertencentes à família Cesarino. As atividades de educadoras, professoras e o desempenho delas na manutenção das instituições, família e estabelecimento de ensino, no centro da formação, produção e difusão do conhecimento na Campinas do final do século XIX. O artigo demonstra como as posições das mulheres negras pertencente à família Cesarino foram afetadas pelas hierarquias sociais, classe, raça e gênero. A autora também explicita as formas como elas e suas comunidades lidaram com as interdições que o racismo e os sexismos impuseram em suas vidas. Seguindo o percurso, indicado pelas fontes, a pesquisadora localiza a personalidade biografada, Rita Cesarino,

nascida na segunda metade do século XIX e oriunda de uma família de professoras negras da cidade de Campinas, São Paulo.

O artigo de Luigi Biondi "As fontes policiais do Reino de Itália para o estudo biográfico dos migrantes italianos que, em São Paulo, participaram do movimento operário, c.1870-c.1930" trata-se de uma análise histórica da atuação dos trabalhadores imigrantes no Brasil, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O foco central está no que ele classifica "experiência paulista": a dinâmica de circulação de ideias e a experiência no mundo do trabalho de um ponto de vista global. O texto aponta as fontes para o desenvolvimento de uma pesquisa sob os alicerces da micro-história, das trajetórias de vida, sustentada pelos métodos da biografia e da prosopografia. Os estudos revelam as possibilidades de classificação das características comuns a um grupo de indivíduos que fizeram parte da agência do "fazer-se" da classe operária italiana e brasileira. As características comuns estão nas tradições, na militância e nas identidades de classe. Para isso, Luigi utiliza-se do conceito de "biografia coral", descrevendo elementos de tensão entre o individual e o coletivo. Nesse caso, a micro-história alça voos em um plano global e transnacional, sob o conceito de "aporia", revelando a relação do micro com o macro, um diálogo do indivíduo com a comunidade. A leitura do texto de Luigi proporciona visualizar aspectos da contribuição dos imigrantes militantes, as tendências políticas do movimento operário, atuações transnacionais, atividades controladoras em um plano global. O autor baseia-se em fontes produzidas pelos órgãos de segurança do Reino de Itália, permitindo o acesso a informações confidenciais, redes migratórias e, principalmente, "fornece um instrumento inédito de pesquisa para quem queira aprofundar as temáticas da formação histórica da classe trabalhadora brasileira, inclusive com um olhar transregional e transnacional".

Já o artigo de Michele Silva Joaquim, "De 'Mono' a Benedicto" pesquisa a presença de trabalhadores negros da Companhia Antártica Paulista, entre 1920 e 1930. As principais fontes de pesquisa são as fichas de contratação da empresa cervejeira. A localização das cores humanas se deu a partir das fotografias enquanto fontes históricas. As pesquisas apontam que a pouca presença de negros representa a ocupação dos ofícios, na referida cervejaria, por trabalhadores imigrantes europeus. O texto apresenta uma viagem historiográfica sobre a cultura operária paulistana, centrada nos times de futebol organizados em equipes por fábrica. A liga de futebol amador de São Paulo, a partir de 1927, começou a administrar um campeonato anual, os times possuíam como identidades principais as cores de seus jogadores: "Branco x Pretos". Além de demonstrar a naturalização da questão racial, criando uma "cultura da democracia racial", ainda denominou-se o troféu de tal campeonato com o nome de Princesa Isabel. Os pretos ganharam o troféu, o qual deveria ser denominado "Zumbi dos Palmares". Mas os tempos eram outros. A autora procura demonstrar que o trabalho nas fábricas significou uma forma de ascensão social para os negros e o futebol tomou um significado político de cultura de classe proporcionando formas de organização recreativa dos trabalhadores e privilégios

para os “bons de bola”. As pesquisas destacam a trajetória do Sr. Benedicto, apelidado no futebol por “Mono”, ou seja, “macaco” em espanhol. A autora afirma que as fichas e o trabalho na fábrica lhes dão dignidade e cidadania nessa história, apesar de não livrá-lo do racismo estrutural.

Finalmente, Marcos Lucas Abreu Braga nos traz “De Belém do Pará ao Rio de Janeiro: trajetórias de militantes operários por meio dos jornais digitalizados (1910-1930)”. O artigo dialoga com as questões referentes aos estudos de trajetórias e suas implicações documentais. Para recuperar a trajetória de militantes operários, ultrapassando as unidades da federação, o autor apresenta a importância dos acervos online, especialmente aqueles dedicados à preservação de jornais comerciais de grandes tiragens e da imprensa operária. Braga salienta que tais personagens orbitam esferas peculiares de atuação por deixarem registros e falas direcionadas ao público operário em geral, por meio das páginas de jornal, com discursos, convocações, produção literária, cartas, artigos de análise de conjuntura etc. Em busca das trajetórias desses sujeitos, levando em conta as lógicas de mobilidade geográfica, torna-se fundamental considerar o cruzamento de diferentes jornais, em variados acervos digitalizados: “A disponibilização de cópias digitalizadas deles ajuda a contornar uma dificuldade material bem significativa para o entabulamento destas questões, que é o da dispersão geográfica das fontes, permitindo que os historiadores tenham acesso a eles”. Braga arremata a discussão demonstrando o valor dos estudos de trajetória para compreensão do movimento operário no geral. Debate que pode ir muito além da mera recuperação de falas e informações pessoais, podendo-se apreender detalhes na própria confecção da documentação, valorizando-se o ambiente de sua produção e as condições de seu arquivamento. A proposta do autor ressalta o valor da documentação digitalizada – sem descartar a primazia do contato físico com as fontes primárias –, ressaltando o método crítico e o peso das questões a serem trazidas pelo olhar de quem as lê, na medida em que as trajetórias também ofereçam novos problemas para o estudo do movimento operário, a nível trans-regional e individual.

Boa leitura!

Referências

- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Turim: Einaudi, 1975.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”, in: Jacques Revel (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 225-249.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. “Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo”. *Revista de História*, 146 (2002), pp. 11-27.
- NASCIMENTO, Álvaro, “Trabalhadores negros e o ‘paradigma da ausência’: contribuições à História Social do Trabalho no Brasil”, *Estudos Históricos*, 59 (2016), pp. 627-646.

- NASCIMENTO, Beatriz. "Por uma história do homem negro", in: RATTTS, Alex (org.). *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. São Paulo: Zahar, 2021, pp. 37-46.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- SCHMIDT, Benito. "Que diferença faz? Os estudos biográficos na história do trabalho brasileira", in: FORTES, Alexandre et al. (org.). *Cruzando fronteiras: novos olhares sobre história do trabalho*. São Paulo: Perseu Abramo, 2013, pp. 61-76.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.